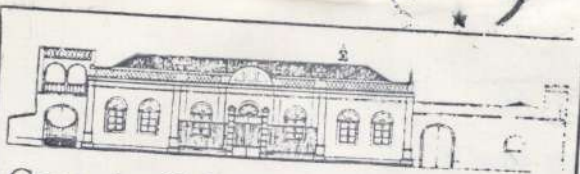




MUSEU do Traje  
São Brás de Alportel

Centro de  
Documentação



Casa da Cultura António Bentes

S. Brás de Alportel

Biblioteca

Livro n.º 1621

Cota n.º 5-4  
5-15  
08-4

Cultura António Bentes  
Biblioteca  
(Secção de Recortes)

# E Tudo o Vento Levou?

Ana Guerra

Assunto: Moinhos de Vento

Rotas & Destinos, Junho de 1998



A minha paixão pelos moinhos vem de longe. Lembro-me de em miúda me sentir fascinada por aquelas curiosas construções arredondadas, ao longe, sobre as colinas. Não recordo o sítio exacto, talvez fosse a Estremadura, apenas guardo a imagem do verde da paisagem e do branco das velas – por vezes eram vermelhas – a rodar contra o céu azul. Aos nove ou dez anos fui residir para o Sul do país, para uma casa não muito longe das ruínas de dois velhos moinhos. Com frequência os vetustos engenhos – de um apenas restavam as paredes e a escada interior –, serviam de local de brincadeira para as crianças das redondezas. Umhas vezes eram o nosso castelo, outras um esconderijo perfeito. Baluçávamo-nos no espesso cabo que ainda pendia do mastro de um deles e, quando nas tardes soalheiras o velho moleiro aparecia para rever o seu moinho, sentávamo-nos sobre as pesadas mós caídas no exterior e



Moinho das  
Cumeadas, ou  
da Quintinha, em  
Santiago do Cacém.

*Rotas & Destinos*  
n.º 37 - junho 1998

no, e que iriam passar nas proximidades de todos os moinhos representados nas cartas. Nesta época de industrialização e de desenvolvimento acelerado não contava encontrar moinhos ainda em funcionamento, mas mesmo assim queria ver o que sobreviveria das memórias de infância.

### 1.º dia Direcção: Norte de Santiago do Cacém

Tinha passado Grândola há uns cinco minutos, quando um enorme sol alaranjado surge no horizonte a Leste. A luz do amanhecer dourava a paisagem algo acidentada – estou em plena serra de Grândola – e bastante diferente da imagem tradicional da planície alentejana. Uns quilómetros depois encontro o meu primeiro moinho, em **Santa Margarida da Serra**. Solitário no alto da sua colina, caiado de branco com a característica barra azul, tinha o ar digno de uma sentinela, de guarda à aldeia próxima. Apesar de relativamente bem conservado, era notório que há muito não funcionava. No mastro,

# E tudo o vento levou?

escutávamos histórias.

Fixei para sempre: «Todos os moleiros têm um cão, mas sempre preto, para se ver se meteu o nariz na farinha.»

Casualmente, tive conhecimento da existência dum grande número de moinhos de vento – consegui localizar 58 assinalados nas cartas militares – na região de Santiago do Cacém. Idealizei um percurso para ser feito em três dias, maioritariamente por caminhos de terra, alguns que eu suspeitava – e depois confirmei – só serem acessíveis a um todo-o-terre-

**Viagem à descoberta do que resta dos simpáticos moinhos de vento, na região alentejana de Santiago do Cacém. Só um deles continua a funcionar, mas o passeio vale por si.**

Texto Ana Guerra Fotos Carlos Sereno

que emerge do pequeno telhado negro, apenas subsistem vestígios das varas – as oito longas traves que servem para a fixação das velas – e no chão encontro duas antigas mós que a vegetação rodeia e quase esconde. Os moinhos de vento, apesar da sua rusticidade, representam a forma mais evoluída e elaborada da tecnologia primitiva de trituração do grão. O fabrico de farinhas para a alimentação remonta ao período mesolítico, quando o homem se tornou agricultor. A moagem era inicialmente feita à força de bra-



ço, depois recorrendo a animais, e só bastante mais tarde se recorreu à força motriz das correntes de água e, finalmente, ao vento. Os princípios mecânicos em que se baseia o funcionamento dos moinhos de vento era, certamente, do conhecimento dos Gregos, que no entanto apenas os utilizaram para construir máquinas não utilitárias, quase brinquedos. As primeiras referências à utilização da energia eólica para a moagem de cereais aparece no século VIII, numa obra de Mas'údí, um autor islâmico nascido em Bagdad. Segundo Mas'údí, já existiriam moinhos de vento numa região de extensas planícies cerealíferas, secas e ventosas, algures entre os actuais Irão e Afeganistão, no ano de 644 da nossa era. Estas máquinas primitivas eram, contudo, bastante diferentes dos exemplares que hoje podemos apreciar. Abandono o alcatrão e opto pelos caminhos que serpenteiam por entre montados.

As estevas estão floridas. São milhares de flores brancas de centro amarelo e características pintas escuras que adornam os matos sob as árvores. O aroma das flores silvestres perfuma o ar fresco da manhã. De quando em quando passo perto de montes – as tradicionais casas de lavoura do Alentejo, não as elevações do terreno – onde sou saudada pelas pessoas que já se atrefam nos seus trabalhos agrícolas. Entretanto, chego à pequena povoação de **Cruz de João Mendes**. Quase no centro da terra um moinho foi transformado em casa de habitação. Procuo um sítio onde possa tomar um café, pelo qual anseio há já algum tempo. Encontro cafés mas todos ainda fechados. Deposito agora as minhas esperanças na próxima paragem, **S. Francisco da Serra**, uma típica

povoação alentejana, com casas imaculadamente brancas decoradas com barras azuis ou amarelas, ruas luminosas e limpas, onde a vida corre tranquilamente. A sorte não muda, também aqui todos os estabelecimentos estão encerrados. Resigno-me a ficar sem a minha pequena dose matinal de estimulante, porque não vou atravessar outra localidade nas horas mais imediatas. A meta da próxima etapa são os moinhos do **Tio Chiné** e o **Novo da Barrada**, mais para Sudoeste. Ao fim de alguns quilómetros de bom piso – apenas bastante poeirento – após um cruzamento, o caminho começa a apresentar sinais evidentes de há muito não ser utilizado. Primeiro é a vegetação que o invade, reduzindo-o quase a uma vereda onde é preciso recolher os espelhos retrovisores para poder passar, depois apareceram enormes sulcos no terreno – com uns bons dois palmos de profundidade – abertos pelas chuvas do Inverno. O fotógrafo, que ia a conduzir, e que até aqui resmungava com a falta do café, começou a ficar bastante mais animado quando o terreno piorou. Os entusiastas do todo-o-terreno são assim. Passada a zona dos sulcos, devagar e com todo o cuidado, uma centena de metros adiante uma barreira caída tornava a passagem impossível. Encon-



De cima para baixo: paisagem rural em S. Bartolomeu da Serra; igreja da Aldeia de St. André; pormenor dos búzios de um moinho; porcos «à bolota» em Abela.







Em cima: o colorido típico de uma verdejante planície alentejana, perto do Cercal; em baixo: uma simpática «joaninha», o insecto de todas as infâncias.

trada a pequena pá metálica que habita algures dentro do jipe, ao fim de uns minutos de trabalho árduo conseguimos avançar mais quinhentos metros. Aqui era um sobreiro que tapava todo o caminho, sem qualquer hipótese de o contornar. Contrariados, sentimo-nos forçados a retroceder e arranjámos uma outra alternativa para visitar os moinhos.

Perto de **Deixa-o-Resto** (curioso nome para uma terra) aproximo-me de um exemplar em bastante mau estado, um dos mais arruinados que encontrei até agora. Franqueio a pequena porta e penetro no interior acanhado e já sem quaisquer vestígios do telhado e do mecanismo. É de pedra, como quase todos os que ainda existem. Dos poucos que outrora foram construídos em taipa quase nenhuns subsistem ou não são mais que meras ruínas desfeitas pela chuva. Apesar das generosas dimensões exteriores, a grande espessura das paredes – que aqui atingem quase um metro e meio e em alguns casos chegam a ter 1,7 m – torna o espaço interior bastante exíguo. A toda a volta vêem-se diversas *pilheiras*, pequenos nichos abertos nas paredes na tentativa de aumentar um



pouco o espaço para arrumações. Da escada interior e do sobrado nada resta, mas concluo que se trata de um moinho com apenas rés-do-chão e sobrado, o tipo mais comum nesta zona do litoral alentejano. As diferenças de altura e do número de pisos – um ou dois para além do térreo – são, em parte, reflexo da sua época de construção, sendo que os mais antigos costumam ser os mais baixos.

Estou a poucos quilómetros da costa – dos pontos mais altos avista-se o mar – e decido fazer um pequeno desvio à minha «rota dos moinhos» para dar uma espreitadela às lagoas costeiras, aproveitando para procurar um restaurante porque a hora de almoço se aproxima. Depois do repasto num dos vários locais da praia de Santo André, que proclamam servir peixe fresco, vou dar uma volta pelas tran-

quilas margens da **Lagoa de Santo André**.

Relativamente grande, a maior da costa alentejana, com cerca de 150 ha e aumentando bastante durante o Inverno, é de água salobra e apenas separada do oceano por uma estreita faixa de dunas. Uma das características fundamentais deste ecossistema,





e que contribui para a sua diversidade, é a ligação anual das suas águas com o mar. A lagoa inclui biotipos tão diversos como as zonas arenosas, os sapais e os caniçais, que no seu conjunto albergam uma fauna variada, nomeadamente algumas espécies raras ou ameaçadas, como a lontra. Esta zona húmida, conjuntamente com a Lagoa da Sancha – cerca de oito quilómetros a sul e muito mais pequena – estão desde 1996 incluídas na Lista de Zonas Húmidas de Importância Internacional da Convenção de Ramsar, em reconhecimento da sua importância na protecção de várias espécies de aves. A grande riqueza faunística e paisagística – se nos alhearmos da ocupação desordenada da duna primária, que a Câmara Municipal de Santiago do Cacém conseguiu, felizmente, controlar – tornam a Lagoa de Santo André um local privilegiado para quem procura a natureza. Aqui ainda se pratica a pesca artesanal. Junto a uma das margens arenosas encontram-se amontoados de redes e algumas *bateiras*, as pequenas e características embarcações utilizadas na faina piscatória. Das águas

ROTA DOS MOINHOS



calmas da lagoa provem o peixe usado na confecção da caldeirada e ensopado de enguias, pratos tradicionais da região. Passo o resto da tarde a observar as aves aquáticas. Quando reparo o Sol já vai baixo. Vamos directamente para a Pousada da Quinta da Ortiga, onde jantamos e pernoitamos.

## 2.º Dia De Santiago do Cacém ao Cercal do Alentejo

Quando chego já o velho moleiro se atarefa na sua rotina diária, soltando as velas e preparando o moinho para mais um dia de trabalho. Estou junto do **Moinho da Quintinha**, na cidade de **Santiago do Cacém**, o único do concelho ainda em funcionamento, adquirido e restaurado pela Câmara local. O moleiro é o

senhor Manuel Reis, ou Manuel «Moleiro» como também lhe chamam, que tem a seu cargo o provecto engenho – «tem mais de 200 anos», diz-nos –, ao mesmo tempo que inicia dois jovens estagiários nas artes da moagem artesanal. O ofício de moleiro, em especial de moinhos de vento, exige



Nesta foto: interior do Moinho da Quintinha, o único em funcionamento; em cima: vista do exterior do mesmo moinho, pertencente à Câmara de Santiago do Cacém.



conhecimentos variados, não só sobre as qualidades e o fabrico das farinhas, mas principalmente sobre o funcionamento do moinho e das velas, e uma especial sensibilidade para as características dos ventos da região. O moleiro é um homem de sete ofícios. Para além das tarefas rotineiras de moagem, é ele que zela pelo bom funcionamento do moinho, que repara as pequenas avarias e pica as mós quando elas se desgastam com o uso.

As velas já estão estendidas, mas o vento Sudeste desta manhã teima em não se manter constante. Uns fortes puxões nas varas ajudam a manter o velame em rotação quando as rajadas abrandam. Ao fim de uma meia hora de esforços e de pequenos ajustamentos, o vento «pega» e o moinho trabalha a bom ritmo. Os grãos caem em abundância para o centro da mó, que rodopia emitindo um som grave e profundo, que faz estremecer o chão do pequeno piso superior. Por sobre o ruído das mós, o Sr. Manuel vai contando histórias da sua já longa vida de moleiro e explicando a função das várias peças do moinho.

O *teção* a *quelha* e o *cadêlo*, que suportam e controlam o cereal que cai na mó, a *entrosga* e o *carreto*, as engrenagens em madeira que transmitem o movimento do mastro para o veio das mós, ou o *frontal*, a peça por onde sai o mastro. Depois explica: «Com bom vento este moinho mói mais de 30 kg de grão por hora.» Interrompe para com gestos precisos fazer rodar um pouco o moinho para o alinhar com o vento. Após uma rápida espreitadela pela minúscula janela, para se certificar que o ajustamento foi perfeito, continua: «Era uma aflição quando não havia vento e eu tinha isto cheio de sacas de grão.»

A inconstância do vento, um factor tão próprio desta actividade, muito contribui para o seu declínio. Era frequente que o moleiro possuísse um moinho accionado a água, que funcionava durante o Inverno quando as correntes corriam impetuosas, ficando o de vento reservado para a época de estiagem. Mais recentemente, alguns moinhos foram mesmo transformados para permitirem o accionamento com motor quando o vento rareava, como por exemplo o **Moinho da Fome Aguda**, num outeiro aqui em frente. Quando me despeço do Sr. Manuel «Moleiro» a manhã já vai avançada. A visita às ruínas de Miróbriga, ao Hipódromo romano e outros lugares históricos de Santiago, terra natal do escritor Manuel da Fonseca, vai ter que ficar para uma próxima oportunidade. Os moinhos do **Cercal** esperam-me.

Percorro os excelentes caminhos que me levam para Sul, por entre a miríade de flores multicolores que atapetam os campos. Passo montes e herdades, searas e pastagens, terras lavradas, pequenas albufeiras e moinhos, sempre rodeada por uma encantadora paisagem campestre, com o sol primaveril a brilhar num céu azul. Avista-se frequentemente a fauna típica da planície alentejana.

Um coelho que mordisca a erva e desaparece na moita mais próxima, de vez em quando perdizes – ali vão duas a correr à frente do carro – que tentam fugir sem sequer levantar voo, um bando de garças brancas ou um casal de cegonhas que fizeram o seu imponente ninho nalgum dos omnipresentes postes de alta tensão.

Páro um pouco no **Moinho da Cabra** a admirar a paisagem, desfeçada pelas chaminés das indústrias de Sines. Parece-me ver os contornos da ilha do Pessegueiro e recorro que me recomendaram o Restaurante Ilha, onde não chegamos a ir. Chego finalmente ao **Cercal**, uma povoação tipicamente alentejana, mas cujas origens remontam ao período pré-romano. A primeira paragem é junto à igreja matriz, do século XVIII, e que constitui o monumento mais significativo da terra.

Depois do almoço, que não merece referência, continuo para norte, já de volta a Santiago. O caminho atravessa vários peque-

nos cursos de água, sempre a vau, mas sem apresentar quaisquer dificuldades. Nas proximidades da **albufeira de Campilhas**, o carreteiro até então largo e bem definido vê-se subitamente interrompido por uma vedação de arame. Do outro lado uma interminável terra recentemente lavrada. Nada mais restava senão voltar para trás e procurar uma alternativa. Opto por um caminho bastante estreito e enlameado que contorna a albufeira a Sul e conduz à estrada asfaltada que passa sobre a barragem, agora com destino à Pousada de S. Tiago.

### 3.º Dia De Santiago do Cacém a

**Alvalade** Enquanto preparava este itinerário deparei com um dado curioso e para o qual não encontrava explicação satisfatória. Referia o Padre Macedo da Silva – natural de Santiago do Cacém e prior de Abela, no século XIX – na sua obra *Anais do Município* publicada na segunda metade do século XIX, que em 1804 existiam no concelho de Santiago 9 moinhos e que em 1868 o seu número já se elevava a 35.

Pus a hipótese de que poderia ter havido

um aumento da produtividade das searas ou da área cultivada, mas pus de lado a ideia porque, em minha opinião, estes factores não poderiam justificar, por si só, a necessidade de tão grande incremento na capacidade moageira da região. O Sr. José Matias\*, um técnico da C. M. de Santiago do Cacém, que há anos se dedica ao estudo dos moinhos, oferece outra leitura. Em meados do século passado deu-se uma intensificação da cultura de arroz nas margens do Sado e de algumas das maiores ribeiras suas afluentes, sendo que os moinhos de vento começaram a ser utilizados para a descasca do cereal. O recurso aos moinhos, ainda há menos de 50 anos, para essa tarefa, corrobora a explicação.

E são precisamente as regiões mais interiores do concelho de Santiago, onde abundam as searas ondulantes e os arrozais, que hoje me proponho visitar. Passo **S. Bartolomeu da Serra** e **Abela**, aldeias com uma arquitectura popular bastante interessante e ainda

## Avistamos um coelho que mordisca a erva e desaparece na moita mais próxima, de vez em quando perdizes que tentam fugir sem sequer levantar voo, um bando de garças brancas ou um casal de cegonhas....





preservada. A primeira é uma terra antiga, segundo se supõe de fundação anterior a 1500. Antigos são também os moinhos na região, como de resto na generalidade do país.

Desconhece-se ao certo o momento do seu aparecimento em Portugal, mas a primeira referência que nos chega refere-se a 1296 e aponta a região de Évora. As datas inscritas nas portas ou mastros de alguns dos exemplares que ainda restam não são, normalmente, anteriores ao século passado, mas respeitam quase sempre à última reconstrução a que foram sujeitos e não à sua origem, pelo que, sem receio, se pode afirmar que os mais antigos serão talvez do século XVII. Até ainda não há muitos anos, a actividade moageira na região de Santiago do Cacém tinha um peso considerável a nível económico e social. Não era alheia a esta importância a estrita regulamentação do ofício de moleiro por parte das autoridades locais. Lia-se numa Postura Municipal, datada de 1804; «Que nenhum moleiro ou atafoneiro possa moleirar nesta vila e seu termo sem primeiro ser examinado, sem dar fiança de 2\$000 réis, e sem prestar juramento, com pena de 500 réis paro o Concelho.» Também a remuneração dos servi-



Em cima: Moinho da Morcegueira, perto de Sines; ao lado: junto à Lagoa de Santo André, um desvio de poucos quilómetros em relação à «rota dos moinhos»; em baixo: vista geral da cidade de Santiago do Cacém, a terra do escritor Manuel da Fonseca.

